

A RECEPÇÃO DE MACHADO DE ASSIS EM PORTUGAL

Pedro Calheiros
Universidade de Aveiros

Vou falar de uma grande surpresa minha, de um espesso mistério que não estou certo de poder deslindar. Machado de Assis é um desconhecido em Portugal, e nem tenho a certeza de poder acrescentar o costumado adjetivo que muito serve nestas situações. Na hora da bebedeira de telenovelas brasileiras na televisão portuguesa, mesmo depois do acolhimento dado a Jorge Amado ou Lins do Rego, a Érico Veríssimo ou a Guimarães Rosa, e alguns outros escritores contemporâneos, o patriarca das letras brasileiras pouco ou nada diz ao comum dos portugueses .

Já em 1923 Rui Gomes referindo-se a Machado de Assis e Lima Barreto intitulava um artigo seu, publicado no *Mundo Literário* do Rio de Janeiro, de 5 de Outubro: " Vida Intelectual Brasileira - Os grandes desconhecidos em Portugal"¹.

Se a literatura brasileira recebeu o sopro de vida no outro lado do Atlântico, se o romantismo e o realismo portugueses serviram também de impulso à independência literária desta nação americana lusofalante, ou lusoescrivente, também é verdade que os escritores nordestinos deste século fecundaram em boa parte a literatura que os neorealistas puderam escrever em Portugal. A corrente de influências inverteu-se, mas esta

reviravolta não atingiu de grande maneira o fundador da Academia Brasileira de Letras, cuja dimensão universal, cuja mensagem humanista intemporal, poderia ainda hoje servir de espelho a muitos escritores portugueses, se o retorno da direção dos ventos do espírito os tivessem feito soprar com maior força na terra de Camões e de Pessoa.

1. NO SEU TEMPO

As coisas não começaram de todo mal. Ainda Machado de Assis não era uma celebridade, ainda não atacara *O Primo Basílio*, nem começara a ser estatuaado e já alguns escritores portugueses se ocupavam das obras que ele ia publicando. Eram os simulacros de equilíbrio, os *renvoi d'ascenseur*, na altura em que os exportadores de folhetins eram os europeus lusofalantes.

Sem ter nem a pretensão nem a possibilidade de ser exaustivo, começarei assinalando que *Os Deuses de Casaca* mereceram a atenção de Pinheiro Chagas, o qual consagrou uma crítica a esta comédia machadiana no *Anuário do arquivo Pitoresco*, de Lisboa, em Março de 1866, a qual não passou despercebida no Brasil, pois foi logo retranscrita no mês seguinte na *Semana Ilustrada*, do Rio de Janeiro⁽²⁾. Um outro grande nome, para a época, das letras portuguesas, Júlio Cesar Machado comenta uma coletânea de poesias do seu homônimo colega. O popular romancista português publicou na revista lisboeta *A América* um texto intitulado "Falenas - Do Poeta Brasileiro Machado de Assis" (Março de 1871, n. 03, vol. III)³.

Antonio Feliciano de Castilho apóia a sua defesa das traduções de segunda mão com o exemplo dado por Machado, nas falenas, ao traduzir os poemas da "Lira Chinesa"⁴.

Em 1884 Inocêncio Franciso da Silva dicionariza o escritor brasileiro, dando-lhe duas entradas no XII volume do seu *Dicionário Bibliográfico Português*, o qual engloba como o subtítulo o assinala autores não só portugueses mas também brasileiros.

Em 1898, Sousa Bastos volta a dicionarizá-lo na sua *Carteira do Artista - Apontamentos para a história do teatro português e brasileiro*, acompanhados de notícias sobre os principais artistas, escritores dramáticos e compositores estrangeiros. Machado tem honra de retrato publicado, mas outros desconhecidos hoje em dia também têm o seu estampado. A gravura mostra-o de barbas branqueadas, de monóculo e engravatado. A pequena nota bibliográfica sobre o distinto escritor brasileiro enumera as comédias que ele para o teatro escreveu com muito aplauso, sem esquecer de assinalar algumas das muitas peças que tem traduzido⁵.

Ainda em vida de Machado de Assis, Sylvio Romero fez publicar em Lisboa, em 1905, o seu livro *Outros Estudos de Literatura Contemporânea*, no qual se pode ler uma análise das *Poesias Completas* de Machado.

No ano seguinte, 1906, um outro ensaísta brasileiro, Pedro de Couto, dá à estampa, também em Lisboa, o seu livro *Páginas de Crítica*, oferecendo algumas páginas sobre os romances e os contos de Machado de Assis.

Um outro ano depois, 1907, de permeio, quase como excessão à regra dos mensageiros brasileiros, Sanches de Frias, primeiro, nas suas *Memórias Literárias* escreve indiretamente algumas linhas sobre Machado de Assis, a propósito de Faustino Xavier de Novais e de sua irmã Carolina com quem Machado de Assis casou.

2. NO NOSSO TEMPO

2.1 - Da Morte do Escritor Até ao Centenário do Seu Nascimento...

Os principais agentes da divulgação de Machado de Assis em Portugal neste século, embora muito reduzida, são brasileiros. Sylvio Romero e Pedro Couto acima repertoriados já o indicam. Muito naturalmente, haverá excessões, mas se os brasileiros não se tivessem dado ao cuidado de melhor fazer apreciar o seu gigantesco escritor, a fortuna de Machado no país de sua mãe teria sido ainda pior.

Meia dúzia de anos depois de ter evocado Machado de Assis nas suas *Memórias Literárias*, Sanches de Frias, em 1913, no livro sobre Artur Napoleão, não deixa de falar outra vez no marido de Carolina, de novo de maneira colateral, relatando os saraus musicais e literários em que o escritor brasileiro participara.

Mesmo no fim do segundo decênio, os portugueses puderam ler um capítulo sobre a obra de Machado de Assis, intitulado "O Mestre Supremo", no livro do acadêmico escritor maranhense Raul de Azevedo, *Confabulações*, publicado em Lisboa em 1919, além de um outro artigo escrito pelo ensaísta na altura da morte do criador do romance psicológico brasileiro⁶.

Cinco anos mais tarde, em 1924, um outro brasileiro, desta feita de grande relevo, Coelho Neto, dois anos antes de ser eleito presidente da Academia Brasileira de Letras, publicou no Porto, o seu livro *As Quintas*, incluindo um texto sobre a subscrição nacional feita por iniciativa da Academia para levantar uma estátua ao seu primeiro presidente.

Dois anos depois, em 1926, outro crítico e acadêmico brasileiro, João Ribeiro, publicava, também no Porto e na mesma casa editora, o seu livro *Cartas Devolvidas*, onde trata de *Alienista*, numa passagem, e numa outra, das suas controversas relações com o pai de Brás Cubas.

Em 1935, Chagas Franco não deixou de consagrar algumas linhas a Machado de Assis na parte sobre a literatura portuguesa e brasileira que juntou à sua tradução da *Iniciação Literaria* de Emile Faguet⁷.

Em 1937, os livros sobre Machado de Assis de Augusto Meyer, de Lúcia Miguel Pereira e Teixeira Soares mereceram comentários em francês de uma revista francesa, publicada em Coimbra, o *Bulletin des Études Portugaises et de l'Institut Français au Portugal*, da autoria do professor francês Pierre Hourcade⁸.

2.2 - A FEBREZITA DO CENTENÁRIO

No ano do centenário do nascimento do autor de *Dom Casmurro*, Lúcia Miguel Pereira publica, na *Revista de Portugal*, um pequeno artigo intitulado "Machado de Assis e Eça de Queiroz", confrontando o autor de um dos melhores romances que já escreveram em português - refere-se a *Dom Casmurro* - com o substancial escritor português⁹; a ensaísta brasileira levanta aí o problema da recepção do escritor brasileiro em terras lusas. A especialista de Machado começa o seu artigo afirmando que Machado de Assis está muito longe de ser tão lido e amado em Portugal como Eça de Queiroz no Brasil¹⁰. Tentando explicar tamanha anomalia, Lúcia Miguel Pereira escreve que, no caso de Eça, não é preciso ser intelectual para sentir-lhe a sedução, enquanto os livros de Machado requerem iniciação para serem apreciados¹¹. A machadiana

tenta imaginar, escrito por Eça, o livro mais vivo, mais colorido, mais rico de emoção de toda a obra de Machado de Assis, referindo-se a *Dom Casmurro*, parecendo-lhe que o autor dos *Maias* teria elaborado um romance mais movimentado, mais positivo, mais pitoresco. Proclamando que os dois escritores foram ambos tão grandes, cada um a seu jeito e que de algum modo eles se completam, o filho da sombra, e o filho da luz, Lúcia Miguel Pereira acaba por afirmar que Machado de Assis é mais universal e que Eça talvez seja mais compreensível para portugueses e brasileiros¹³. Esta última explicação da má fortuna portuguesa de Machado não é muito convincente, porque não se vê bem como um escritor pode ser considerado universal se não consegue penetrar no país de que herdou a língua. A primeira sugestão sobre o lado iniciático dos últimos romances machadianos é mais pertinente. De resto, a ensaísta reconhece também que, mesmo no Brasil, o universal escritor não conquistou as camadas populares, e, em Portugal, acrescenta ela hipoteticamente, talvez o seu maior admirador tenha sido o próprio Eça de Queiroz, que recitava de cor o trecho perfeito do delírio do Brás Cubas, e logo quis saber, quando foi proclamada a República, da opinião de Machado de Assis. "Que pensa de tudo isso o Machado de Assis?", contam haver indagado⁴.

Na revista da oposição ao governo salazarista, *Seara Nova*, dois escritores brasileiros, mais uma vez, defendem a honra da casa.

Primeiro, o professor de Direito e Sociologia, futuro ministro e acadêmico, Hermes Lima deu a ler nessa revista lisboeta o texto intitulado "Centenário de Machado de Assis, Raízes e idéias da sua obra"¹⁵.

Depois, num pequeno artigo de duas páginas, datado do Rio de Janeiro, Junho de 1939, intitulado "Centenário de Machado de Assis, Dom Casmurro, ateu radical", Eduardo

Frieiro teceu algumas considerações sobre o simpático opúsculo de Dom Hugo Bressane de Araújo, "O aspecto religioso da obra de Machado de Assis". O articulista constatando que na grande estima que vota ao escritor, D. Hugo custa a admitir o materialismo de Machado, não acaba de crer fora ateu convicto, afirma peremptoriamente que Machado era um ateu radical e tenta vagamente prová-lo¹⁶. Eduardo Frieiro afirma um pouco rapidamente que é forçoso convir que todo o sentimento religioso que se acha na obra de Machado cabe inteiro num centímetro quadrado de papel, especificando que dá à expressão "sentimento religioso" o sentido de teísmo judeu-cristão¹⁷. No seu artigo, Eduardo Frieiro esboça uma tese materialista e um tanto quanto naturalista, que faz do sentimento religioso uma propriedade hereditária. Machado não poderia deixar de ser fatalmente um incrêu total¹⁸ por nascimento, por constituição biológica. O crítico publica esta profissão de fé que bem pouco terá de científica, dado que os termos em que está redigida revelam o seu carácter de crença: tenho para mim que os homens nascem devotos ou indevotos. Será tudo para mim uma questão de fórmula endócrina ou de estrutura química, da qual é produto a individualidade total do homem, tanto corporal como psíquica¹⁹.

Não será de todo abusivo pensar que para a *Seara Nova* era muito mais importante esta tomada de posição ideológica que a divulgação do escritor brasileiro. Machado era quase como que um pretexto para reforçar o combate ideológico dos seareiros, muito empenhados na defesa do neorealismo. De resto, só tenho conhecimento destas duas páginas publicadas sobre Machado de Assis na vasta série de volumes da revista de grande projecção intelectual em Portugal durante todo o consulado salazarista.

Igualmente para comemorar o centenário de nascimento do criador de *Dom Casmurro*, no dia 23 de Novembro de

1939, Júlio Dantas leu um discurso seu, à Classe de Letras da Academia das Ciências de Lisboa, intitulado muito simplesmente "Machado de Assis"²⁰.

2.3. DO CENTENÁRIO ATÉ A REVOLUÇÃO DOS CRAVOS

2.3.1 - Na *Brasília*

Em 1942, três anos depois da celebração do centenário do nascimento de Machado de Assis via a luz em Coimbra uma revista batizada com o nome da cidade em que nos encontramos e que, evidentemente, ainda não existia, ou estava no limbo. Nela vão aparecer mais alguns artigos, poucos, sobre o pai de Brás Cubas. No primeiro volume, José Osório de Oliveira, um dos críticos que mais fez pela divulgação da literatura brasileira, e em particular das obras de Machado de Assis, como haveremos de ver, publica algumas páginas sobre o "Brasileirismo de Machado de Assis", texto redifundido, nesse mesmo ano, no seu livro *Enquanto é possível*. O artigo teve repercussão no Brasil, pois Cassiano Ricardo replicou como o artigo publicado no Suplemento literário de *A Manhã*, intitulado "Esta coisa estável que é a sociedade", artigo que também foi retranscrito na *Revista da Academia de Letras*, a 12 de Setembro do mesmo ano de 1942²¹.

Ainda nesse mesmo ano, a mesma revista lusobrasileira de Coimbra publicava um artigo de José Pereira Tavares sobre "Alguns Aspectos da Língua de Machado de Assis"²². No terceiro volume da revista *Cruz Malpique* publica "Para um possível perfil de Machado de Assis"²³.

Depois há um grande silêncio sobre Machado na revista lusobrasileira coimbrã, pois só tenho notícia de mais um estudo

publicado em 1965, por Gladstone Chaves de Melo, mais um brasileiro para demonstrar que a divulgação do grande escritor em Portugal se deve em grande parte aos seus compatriotas. Gladstone Chaves de Melo dá à *Brasília* um texto que já tinha publicado com o mesmo título, sete anos antes, em 1958, em *O Euclidiano*, de São José de Rio Pardo (São Paulo), em Novembro desse ano: "Machado de Assis, Defensor do Homem"²⁴. O professor brasileiro pretendeu com a sua conferência e com a segunda publicação do seu texto, como ele próprio escreve, contestar a exagerada negatividade de Machado, e apresentá-lo como defensor do homem até como portador de uma mensagem cristã, - no que entra em conflito com Mário Matos, que considera o escritor como anti-cristão. O propósito é bem aventuroso, tanto mais que o autor termina o seu texto escrevendo que Machado convidou, (...) O Homem(...) a caminhar para as bem-aventuranças do Sermão da Montanha²⁵. Afirmar isto é capaz de ser uma solicitação excessiva da obra e vida do criador das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* de *Quincas Borba* ou do *O Alienista*. Talvez seja forçar-lhe a mão, negar o espírito de seu legado cético e pessimista, que não acreditava em nada, que deixava, ao cabo da leitura, gosto de cinza na boca, uma sensação de desencanto, de vazio, de nada, como Gladstone o entendeu durante a sua própria juventude, segundo confessa, acrescentando : "Um analista do homem, que não acreditava no homem"²⁶. Para o seu autor, o artigo é ocasião de desandar no pobre naturalismo, e no evolucionismo de que seria um produto e de gabar Machado por ter evitado deixar-se por ele seduzido, o que está longe de ser verdade, a cem por cento. Gladstone escreve que Machado percebeu o erro de raiz do naturalismo dominante e pressentiu as catástrofes a que ele conduziria, acrescentando logo a seguir esta caricatura convencional, cheia de lugares-comuns, sobre a famigerada corrente literária :

*Todos, mais ou menos, sabem que o naturalismo consiste em reduzir o superior ao inferior, em explicar o superior pelo superior, a psicologia pela biologia, a biologia pela física e pela mecânica, a moral pelos costumes, e assim por diante. É a negação rasa da transcendência, o nivelamento por baixo, a explicação do homem por um macaco bem sucedido o qual, por sua vez, é o resultado feliz de uns acasos físicos e biológicos*²⁷.

É verdade que Gladstone Chaves de Melo segure alguma força do pensamento machadiano, expresso em certos textos, mas esquece outras que as negam, que as contradizem, pelo menos parcialmente, muitas das vezes de maneira ambígua ou dissimulada. O artigo é também pretexto para uma tomada de posição conservadora no ataque cerrado ao materialismo naturalista e dialético. Nos parágrafos que seguem os precedentemente citados, Gladstone Chaves de Melo enfiava mais estas farpas no cientificismo do século passado, e mesmo no atual:

*Ainda não nos libertamos do naturalismo. Longe disso. Até aumentou a parte científica, para tentar mostrar o pecado e apenas o resultado do mal funcionamento glandular, de desequilíbrios de metabolismo, de defeituosa composição do sangue, de carências alimentares. Quando não de desajustes sociais, que, por seu turno, resultam de forças cegas e descontraídas, ou de fatores econômicos. As guerras não são fruto da paixão, do orgulho, do ódio, mas resultados de lutas de mercado, de disputa de um campo de batatas, porque Humanitas tem fome, como sentencia o demente-filósofo machadiano*²⁸.

Do ajuste de contas com o naturalismo, o professor brasileiro passa muito facilmente ao ataque contra ao comunismo, às "frentes de libertação nacional", às "democracias populares", aos tanques russos e ao jugo moscovita²⁹.

Este texto de *Brasília* parece mais destinado a servir os fins políticos da aliança lusobrasileira tal como a concebia Salazar, do que à divulgação da *gigantesca figura literária*³⁰. Não será uma tentativa de recuperação ideológica afirmar que a obra toda (sublinhado por Gladstone Chaves de Melo) de Machado é uma longa paráfrase do *Eclesiastes*³¹? Como não ficar espantado quando se lê neste artigo que Machado teve uma visão do *Eclesiastes* idêntica à do especialista da Escola Bíblica de Jesusalém, Paltrel, que entendia que a este livro lhe faltava o último selo, que virá a ser o Sermão da Montanha, proclamando que *bem aventurados são os pobres*³²? Como não ficar impressionado, e desconfiado, quando se lê esta recuperação que não será difícil explicar:

Esta visão do *Eclesiastes* têve-a, de maneira impressionante e inexplicável pelos caminhos da ciência humana, Machado de Assis³³.

Decididamente Machado serve para tudo. Este texto de *Brasília*, mais de cruzada que de isenta exegese universitária, está ideologicamente nos antípodas do artigo de Eduardo Frieiro para a *Seara Nova*, na altura do centenário de nascimento de Machado. Feliz ou infelizmente foi o último grande artigo sobre o escritor que naquela revista coimbrã se publicou. Nesse volume de *Brasília*, o mineiro Gilhermino César faz uma resenha crítica de duas páginas e meia sobre o livro de Alberto Machado da Rosa, *Eça, discípulo de Machado*³⁴.

2.3.2 - Na Ocidente

Também, os poucos artigos publicados por esta revista lisboeta não fogem à regra da autoria brasileira dos poucos textos sobre o grande escritor brasileiro em Portugal. Em 1961, no volume LXI de *O Ocidente*, José Aderaldo Castelo, publi-

cou um artigo que tem por título "Interpretações da Obra de Machado de Assis"³⁵. Três anos depois, um outro brasileiro, Renato Sampaio, envia da Bahia um artigo sobre o "Estilo de Machado de Assis"³⁶. O articulista baiano não poupa encômios à originalidade do estilo do grande romancista, ao seu recurso ao estilo indireto livre e às *virtudes cardiais de estilo machadiano*, que ele define, à semelhança de muitos outros críticos como sendo a *correção, clareza e concisão*³⁷.

Durante a ditadura salazarista foram estas duas revistas *Brasília* e *Seara Nova* que algum esforço fizeram a dar a conhecer aos portugueses o grande escritor do país irmão.

Não devo acabar esse sobrevôo sem assinalar aqui uma exceção neste período, uma tentativa louvável de conquistar um outro público para Machado de Assis, levada a cabo pela revista aveirense *Labor, Revista do Ensino Liceal*, que abriu as suas colunas a Cruz Malpique, para que ele publicasse nas suas páginas uma série de três artigos sobre o escritor brasileiro em números seguidos da revista³⁸.

2.4. A partir de 1974

Já depois do 25 de Abril é na *Brotéria*, revista dos jesuítas portugueses e na *Colóquio* que seriam publicados alguns textos de Machado de Assis.

2.4.1 - Na *Brotéria*

Na revista católica *Brotéria* também alguns portugueses puderam ler dois ou três artigos sobre Machado de Assis. Em 1975, de Teresinka Pereira, a *Brotéria* publicou "Uma interpretação de *Dom Casmurro*"³⁹. Quase dez anos depois, em 1984, *Brotéria* oferecia aos seus leitores dois artigos mais

extensos sobre Machado de Assis. L. C. Ishimatu analisava "A função da mímica em três contos de Machado de Assis"⁴⁰. José S. Teixeira assinava o artigo "Dois aspectos da semiótics das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*"⁴¹.

2.4.2 - Na Colóquio Letras

Já em 1970 a *Colóquio* publicara um pequeno artigo de Wilson Martins o "Direito e avesso de *Dom Casmurro*"⁴². Seis anos depois o português abrazeado à força, Jorge de Sena, respondendo ao pedido que lhe foi feito, enviou, de Santa Barbara da Califórnia à prestigiada revista, um artigo introdutório sobre a questão do realismo português e brasileiro. Neste texto teórico, denso e sintético, Machado de Assis é comparado com os melhores escritores portugueses, não só com o inevitável Eça de Queirós, mas também Camilo e Júlio Dinis⁴⁴, roubando a palma a estes últimos ao comparar-se a sua obra da primeira fase com a deles, segundo a opinião do escritor português. Jorge de Sena garante que pouquíssimas literaturas possuem "realistas" da magnitude de Eça de Queirós ou de Machado de Assis⁴³. O professor português sustenta ainda que Joaquim Manuel de Macedo, parte da obra de José de Alencar, Manoel Antonio de Almeida, o Machado da primeira fase, etc, competem e ganham, em visão urbana, com Camilo ou Júlio Dinis (44). Depois de aproximar de Henry James o Machado crítico do Naturalismo e cultor do realismo psicologista, Jorge de Sena define o Machado da última fase como um dos maiores "escritores" do realismo psicológico, excluindo dessa hoste Eça de Queirós um dos maiores realistas-naturalistas da literatura universal, que fez triunfar em Portugal o realismo urbano⁴⁵.

Para o escritor português

Este Machado último (que muitos de seus contos anunciavam sem de tal aviso ninguém se desse conta) foi, estranhamente, a derradeira e refinada floração amargamente irônica e desabusadamente pessimista, sem deixar de ser devastadoramente crítica, daquela cultura urbana do Rio de Janeiro, a qual, todavia, respeitando imenso o velho Machado, (a vida deste foi uma série de progressivos triunfos sociais que culminaram na presidência da Academia Brasileira de Letras), não sabia que fazer de tão sutil escritor urbano, preocupado ao mesmo tempo com a experimentação técnica, como demonstrar a impossibilidade da objetividade do "realismo", e em patentear, em pungentes tragicomédias novelísticas, como personagens medíocres podiam ser extremamente complexas. Com efeito, prossegue Jorge de Sena, Machado, sem abandonar as aparências tradicionais do realismo, fez, nos seus últimos romances que são a sua maior glória, uma crítica sistemática das pretensões do realismo à objetividade e à omnisciência, variando de todos os modos possíveis os pontos de vista narrativos⁴⁶.

Nesse mesmo número da revista Lidia Neghme Echeverría propunha a leitura de "Uma imagem quixotesca em Machado de Assis", aproximando os capítulos XV a XVII das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que dizem respeito à evocação de Marcela, dos capítulos XII, XIII e XIV da primeira parte de *Dom Quixote*⁴⁷.

Dois anos depois, *Colóquio* publicava uma resenha de Bella Josef sobre o livro consagrado à análise da obra de Machado de Assis por Amarilles Guimarães Hill, intitulado *A Crise da Diferença*⁴⁸.

Bella Josef refere-se superlativamente a Machado de Assis como sendo inegavelmente o maior escritor do século

na América e sublinha que o autor do livro faz *alinhar as Memórias entre as narrativas de pesquisa existencial*⁴⁹.

No segundo semestre de 1991, a *Colóquio* publicou um número duplo consagrado ao tema: "Entre Machado e Eça: Reflexões sobre o romance". Dos 14 artigos sobre o tema 6 dedicados a Machado de Assis e destes, metade tratam de *Dom Casmurro*.

O artigo de abertura, assinado por Helder Macedo intitula-se "Machado de Assis: entre o lusco e o fusco". Mesmo se o seu título não o deixa adivinhar o seu objeto de análise é essencialmente uma tentativa de leitura de *Dom Casmurro*⁵⁰. Helder Macedo comenta igualmente o lado anarquístico e subversivo⁵¹ das *Memórias* e a impiedosa sátira contra o *determinismo social*⁵² de Quincas Borba.

Uma das perspectivas de análise de *Dom Casmurro* por Helder Macedo consiste em ver o romance organizado em torno de uma pormenorizada especulação sobre a natureza⁵³ de Capitu, o que o leva a recusar a identificação do senhorial Bento Santiago como o alter ego de Machado e a propor essa identificação com a marginalizada Capitu, no caso de ser possível ou necessário identificar Machado de Assis com algumas de suas personagens⁵⁴. Ao meu ver, uma situação não exclui necessariamente a outra, mas não posso comentar aqui o excelente artigo de Helder Macedo.

O segundo artigo, de Abel Barros Baptista que tem por título "Antes do Livro. Primeira nota sobre *Dom Casmurro*" debruça-se pesadamente sobre os dois primeiros capítulos do romance. Fiquei com a impressão que ele não conquistara muitos mais leitores para a obra de Machado.

O terceiro texto, assinado pelo expatriado João Camilo dos Santos tece "Algumas reflexões sobre o *O Alienista*", como o seu título claramente o indica.

O quarto artigo analisa o que o pernambucano Edilberto Coutinho, seu autor, tem como "O melhor conto" de Machado.

O quinto texto proposto por Paulo Pereira intitula-se: "*Dom Casmurro*: alegoria política do 2º. reinado".

No último desta série de 6 consagrados a Machado de Assis neste número da *Colóquio*, Maria da Piedade Moreira de Sá situa "Aires entre Flora e Fidélia".

2.4.3 - Em outras revistas

Em 1974, um francês publica, na *Revista da Faculdade de Letras* da Universidade de Lisboa, e em francês, um artigo sobre um amigo português do escritor brasileiro⁵⁵.

Em 1976, Hennio Morgan Birchal compara na revista minhota *Bracara Augusta*, a ironia e o "humour" de Eça, Machado e Paço de Arcos⁵⁶.

Um ano depois, em 1977, Howens Post dá à estampa no *Boletim Cultural da Assembleia Distrital de Lisboa* um artigo com o tema interessante, propondo uma visão do romancista como existencialista "avant la lettre"⁵⁷.

Deixei de lado por razões que se adivinham das páginas literárias dos jornais. Tenho forte suspeitas de que se sérias e demoradas pesquisas forem efetuadas nesse campo a colheita será muito desproporcionada ao esforço dispendido.

2.5. NOS ENSAIOS

Até 1991 não apareceu nenhum ensaio português inteiramente dedicado a Machado de Assis. Encontra-se um ou outro capítulo que lhe é dedicado em recolha de crítica, mas

livros exclusivamente tratando da sua obra não. Nem uma biografia. Nesse ano Abel Barros Baptista publicou *Em nome do apelo do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*⁵⁸, no qual seu autor anda à volta do escritor e das suas *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

A editora lisboeta Verbo inclui Machado de Assis na sua coleção "*Gigantes da Literatura Universal*", editando em 1972 um volume bastante ilustrado, com extratos de algumas de suas obras, precedidos de uma apresentação geral e de alguns comentários intitulado *Machado de Assis*, mas o texto que acompanha a antologia era da responsabilidade de Josué Montello⁵⁹.

A editora portuense Lello publicou em 1984 uma biografia do escritor, intitulada *A Vida de Machado de Assis* mas o seu autor é o brasileiro Luis Viana Filho e saiu em Portugal vinte anos depois de ter sido publicada no Brasil⁶⁰.

Em 1945, Duarte de Montealegre consagrara algumas páginas do seu *Ensaio sobre o Parnasianismo Brasileiro a Machado de Assis*⁶¹.

Três anos depois, em 1948, os portugueses poderiam ler algumas considerações sobre o estatuto do narrador das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* num capítulo do livro de Wolfgang Kayser, *Fundamentos e Interpretação e de Análise Literária*⁶².

Em *Estudos de Cultura e de Literatura Brasileira*, Jorge de Sena tornou público um estudo sobre os cinco romances da última fase do escritor brasileiro, intitulado "Machado de Assis e o seu Quinteto Carioca"⁶³.

Quem dirá que os portugueses apanharam uma indigestão de estudos machadianos ?

2.6. OS PASSADORES PORTUGUESES

Um dos embaixadores portugueses de Machado de Assis mais ativos foi José Osório de Oliveira de quem já referi algumas intervenções. Note-se todavia que este crítico português viveu no Brasil, na altura em que seu pai aí exercia as funções de Cônsul de Portugal.

Em abril de 1952, uma entrevista dada ao *Jornal de Letras* do Rio de Janeiro, José Osório de Oliveira afirmou trocar Eça por Machado. O jornal carioca aproveitou a deixa para fazer desta afirmação o título da entrevista, sublinhando em subtítulo a cruzada que há trinta anos o escritor português organizara e desenvolvera para a divulgação da literatura brasileira em Portugal⁶⁴. A proclamação sensacional de José Osório de Oliveira deu mesmo aso a uma réplica R. Magalhães Júnior no *Diário de notícias* do Rio de Janeiro de 09 de Maio desse mesmo ano, intitulada "Troca de Escritores".

No ano de centenário do ano de nascimento de Machado de Assis José Osório de Oliveira publicara uma *História Breve da Literatura Brasileira*, na qual um importante capítulo é inteiramente consagrado ao criador de Brás Cubas. Só três outros escritores brasileiros são tratados à parte, Gonçalves Dias, José de Alencar e Castro Alves e todos eles em capítulos de menores dimensões⁶⁵. Referindo-se a este capítulo Mário de Andrade escreveu: "O admirável estudo sobre Machado de Assis é uma das belas páginas de acuidade e isenção crítica, que já li em literatura de língua portuguesa"⁶⁶. Esta *História Breve da Literatura Brasileira* atingiu pelo menos, uma quinta edição e teve também uma tradução castelhana, publicada em Madrid em 1958.

José Osório de Oliveira trata superlativamente o romanista e contista Machado de Assis, e muito justamente, mas

sem deixar de apontar a sua fraqueza como poeta, passando completamente sob silêncio a sua produção dramaturgica com a maior lucidez. Perante o significado absolutamente excepcional do prosador, não vale a pena citar o poeta, com todo o seu talento⁶⁷.

Começando por traçar o retrato do escritor que tanto admira José Osório de Oliveira, escreve estas frases idólatras:

*Nenhum ficcionista (exclui, portanto, os escritores de ideais), especifica ele, teve no Brasil como em Portugal, tão grande riqueza interior. Só assim se compreende a sua extraordinária capacidade de análise psicológica, e só assim se explica o seu gênero literário, que tem qualquer coisa de maravilhoso*⁶⁸.

O auto-didata Machado é descrito como um *homem excepcional* por ter adquirido *uma cultura literária completa, um perfeito conhecimento da língua, a ciência de todos os segredos da arte de escrever*⁶⁹.

O fervor machadiano é tanto que o escritor português não hesita em publicar alguns pensamentos talvez um pouco excessivos:

*O seus livros estão cheios de conceitos e pensamentos, tão concisos e penetrantes que outros iguais não é possível, colher em obra nenhuma de escritor brasileiro ou português*⁷⁰.

Para José Osório de Oliveira não há, confia ele, em nossa língua livro tão pessimista como as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* que ele define também como sendo *o livro mais singular das duas literaturas, do Brasil e Portugal*⁷¹.

As páginas do delírio do defunto autor, afiança José Osório de Oliveira, são das mais admiráveis que se tem escrito em português⁷².

Referindo-se ao conúbio de galhofa e melancolia que se poderia encontrar nas suas três obras máximas: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, José Osório de Oliveira distingue o humorismo de Machado da galhofa de Eça e do sarcasmo de Camilo e recusa a pretensa origem inglesa do seu humorismo, para lhe atribuir paralelos paulistas ou mineiros, ao afirmar que Machado de Assis na sua ironia é brasileiro - não como todos os brasileiros, mas como os de São Paulo e os de Minas Gerais⁷³.

*Para José Osório de Oliveira, os capítulos XII a XV de Dom Casmurro, descrevendo a cena de amor dos dois adolescentes no quintal - esses três pequenos capítulos de Dom Casmurro (...) constituem, simplesmente, uma obra prima. O retrato físico e moral, completo, de "Capitu", traçado nestas páginas, é uma pura maravilha*⁷⁴.

O espanto é tão grande que o autor português chega mesmo a perguntar se será brasileiro um tal escritor?⁷⁵ Depois de discutir o problema acaba por responder a questão levantada citando Eduardo Frieiro quando esse crítico evocava o indifarável saienete brasileiro da sua linguagem, o perfume de brasilianismo que se desprende de sua obra⁷³. Nessa discussão pouco antes, José Osório de Oliveira referia o poder de análise de Machado de Assis, não de um naturalista mas de um moderno, de um escritor de hoje⁷⁶.

Tanto louvar, tanto fazer ver, tanto esforço para quase nada. Os editores da antologia de conto de Machado de Assis, selecionados por José Osório de Oliveira, lamentam numa "Advertência" a impossibilidade de oferecer aos leitores portugueses outras obras do escritor que, na história literária de seu país, ocupa a posição central, ao mesmo tempo que, em língua tão rica de valores, precisam eles, um dos cumes da arte de escrever⁷⁸, acrescentando:

O nosso desejo seria tornar acessíveis aos leitores portugueses os três mais notáveis romances de Machado de Assis: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*, bem como as suas três mais perfeitas coletâneas de contos; mas não depende da boa vontade em servir a literatura brasileira a realização de seu desejo, que seja o cumprimento de um dever cultural e uma honra para qualquer editor deste país que ele, por ser glória do Brasil também dignificou. Adotamos o único meio que era nos permitido, oferecendo ao público português uma antologia que só fará que os novos leitores conquistem as *Obras Completas de Machado de Assis*⁷⁹.

José Osório de Oliveira exprime a mesma intenção no fim de seu Prefácio:

*Possa esta coletânea criar, em Portugal, o gosto por um escritor que, independentemente do dever intelectual, que nos incumbe de conhecer a literatura brasileira, todo o português deve saber apreciar porque é uma das mais altas glórias da Língua*⁸⁰.

Depois de ter proposto, em 1950, em Lisboa, uma *Explicação de Machado de Assis e do Dom Casmurro*, José Osório de Oliveira foi o autor da entrada sobre Machado de Assis do *Dicionário de Literatura*, publicado sob a orientação de Jacinto do Prado Coelho. Quero assinalar todavia, que as fichas sobre as *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba*, *Dom Casmurro*, e *Capitu* são da autoria de Jacinto do Prado Coelho. De todos os personagens de Machado de Assis só *Capitu* mereceu verbete à parte e das obras só as acima mencionadas. Isto é revelador da pouca penetração da obra de Machado Assis. Por outro lado, olhando com atenção para as bibliografias dadas no fim das entradas, é constrangedor não encontrar nelas quase nenhum trabalho de autoria portuguesa.

Na ficha do *Dicionário de Literatura* Machado de Assis é coberto dos rasgados elogios. José Osório de Oliveira deita a mão a toda gama de expressões superlativas de fenômeno ao excepcional romancista para ilustrar o retrato do criador de Brás Cubas. Lê-se aí esta caracterização que não deve estar muito longe dos maiores sonhos de glória do mais ambicioso escritor:

*Nunca se deu, aliás, na literatura brasileira, muito raramente em qualquer literatura, um fenômeno como este de Machado de Assis, que, quase de repente, já na maturidade, se pôs a figurar com brilho próprio e tão intenso que passou a ser, e ainda hoje é, o mais original escritor de seu país. Antes dos cinquenta anos, pode ser celebrado pelos contemporâneos como "o primeiro de todos", "o único" - e, se não é o único, numa literatura que conta, alguns valores absolutos, é, pelo menos, o maior escritor brasileiro de todos os tempos, o mais extraordinário contista do idioma e um dos raros romancistas de interesse universal, como o atestam as traduções das suas obras mais representativas para os principais idiomas cultos, sem que haja influído nessa preferência a atualidade dos seus livros, mas, sim, a perenidade da sua quase ferina análise humana*⁸¹.

Como se pode constatar, José Osório de Oliveira vê Machado de Assis como um astro cuja intemporalidade e luz universal não lhe parece poder ser contestada por alguém.

João Gaspar Simões é outra excessão num quadro de desconhecimento ou de desinteresse gerais pela obra machadiana. Tendo à estampa, na *Revista do Brasil*, do Rio de Janeiro, na jornada de julho de 1941, um artigo datado de Lisboa, de fevereiro deste mesmo ano, intitulado "Machado de Assis e Eça de Queirós ou o humor e a ironia", João Gaspar Simões retoma este texto no seu *caderno de um romancista*⁸². Neste mesmo livro o crítico português consagrava um outro

ensaio a Machado de Assis e Sterne. Ainda nesta mesma obra, um outro estudo é dedicado a Machado de Assis e o problema do romance brasileiro.

Devo referir ainda que João Gaspar Simões criticou o livro de H. Pereira da Silva, *A Megalomania Literária de Machado de Assis*, intitulado a sua réplica "à suposta megalomania literária de Machado de Assis"⁸³. Os contos de Machado de Assis forneceram-lhe alguma matéria para o artigo que publicou, a 08 de Março de 1953, no *Letras e Artes*, suplemento de *A Manhã*, do Rio de Janeiro, intitulado "O Papel da Língua Falada na Literatura Brasileira"⁸⁴.

Noutro livro, *Liberdade de Espírito*, João Gaspar Simões em duas passagens diferentes teceu considerações sobre o ataque feito ao *Primo Basílio* por Machado e comentou o livro *Machado de Assis de Moisés Velinho*⁸⁵.

Deixei de lado os livros ou os textos sobre Eça, onde algumas passagens evocam Machado de Assis quase inevitavelmente, a propósito das críticas do escritor brasileiro aos dois romances mais naturalistas de Eça, dado que são sobejamente conhecidos. Neles o objeto de análise é Eça e não Machado, mesmo se este marca a sua presença às vezes com vigor. Pelas mesmas razões não falarei dos livros de H. Lyra, *O Brasil na vida de Eça de Queirós*, de Alberto Machado da Rosa, *Eça, discípulo de Machado?*, de Vianna Moog, *Eça de Queirós e o século XIX* ou de João Medina, *Eça de Queirós e o seu tempo*, entre outros exemplos.

Convém referir mais uma vez os artigos escritos por Jacinto do Prado Coelho para o *Dicionário de Literatura* que dirigiu. O professor português deixou-se levar pelas falas mansas do malicioso narrador de *Dom Casmurro* e convenceu-se da culpabilidade de Capitu e de Escobar. Capitu, de *feitio ambicioso e pérfido*, escreve Jacinto do Prado Coelho, enganou deveras Bentinho, *ingênuo e confiante*, explicando

que esta atraíçoa-o com Escobar, e no dia em que este é enterrado mais uma vez exerce a sua arte de fingir, enxugando rapidamente duas lágrimas, "consolando" a pobre viúva...⁸⁶ Neste pequeníssimo verbete, Jacinto do Prado Coelho fez pouco caso da ambiguidade, até mesmo da ambivalência, no sentido psicanalítico da linguagem do Casmurro narrador. Parece só ter encarado os mistérios de Capitu e ter completamente desconhecido o grande enigma de Bentinho, mais escondido ainda que o que *Dom Casmurro* atribui a sua mulher.

Na ficha sobre *Dom Casmurro*, tece esta apreciação global sobre o romance:

*Enredo vulgar: simples caso de adultério, drama do ciúme (e lembre-se, a propósito, que, na vida real, Machado de Assis era um ciumento). Mas que fino humorismo, que discreta ironia, que profunda compreensão do homem! No âmago, Dom Casmurro é o romance do desengano*⁸⁷.

Para Jacinto do Prado Coelho as *Memórias Póstumas de Brás Cubas* são

*uma autêntica obra prima pela finura psicológica, pela serena inteligência das coisa e pela justeza da expressão, ora travessa, maliciosa, ora de concisa gravidade (...)*⁸⁸.

O dicionarista português vê em alguns episódios das *Memórias Póstumas de Brás Cubas* divertidos apólogos, ricos de enxúndia moral (dum moralismo não edificante mas pragmático, tal o de La Fontaine) e da obra capital do mestre brasileiro dá no fim do seu verbete este balanço entusiasta:

Romance dum moralista, fruto dum espírito reflexivo, as Memórias não são, porém, monótonas e frias, por demasiado abstratas; e que as personagens, mesmo as de segundo plano (um Viegas, um Cotrim), se nos impõem pela verdade humana, surpreendida nos traços definidores; descobrimo-nos na mistura fruste de boas e más tendências, com o predomínio dum

complacente amor-próprio, que preenche a vida moral de Brás Cubas e de Virgília; além disso, o curso dos eventos, entremeados de sutis conceitos, desdobra-se com arte muito dúctil, sabiamente caprichosa e amena "a forma livre dum Sterne ou dum Xavier de Maistre"⁸⁹.

Reconhecendo as qualidades de Quincas Borba, Jacinto do Prado Coelho emite algumas reservas não o considerando à altura de *Dom Casmurro* ou das *Memórias*:

Sem chegar à craveira do Dom Casmurro e das Memórias Póstumas de Brás Cubas, este romance de Machado de Assis ostenta os habituais predicados do A.: sagaz análise psicológica de "quem conhece o solo e o subsolo da vida", filosofia desencantada e serena, humorismo em que a amargura se abrandava num sorriso, maneira chistosa de narrar, linguagem tensa, incisiva, de frases curtas e ágeis⁹⁰.

A figura feminina principal do romance, como de resto a outra mulher fatal de *Dom Casmurro*, merece ao dicionarista uma atenção bem particular nesta entrada, que talvez justifique não ter tido verbete à parte. Chega a afirmar que *o destino do protagonista masculino seria diverso se Rubião não tem conhecido a perturbante Sofia...*⁹¹. Parecendo irresistivelmente atraído pela fatal mulher, o ilustre professor chega mesmo a dar-lhe o primeiro lugar entre as personagens do romance:

Das personagens do romance, Sofia é talvez a mais habilmente retratada: a sua honestidade (ironia ainda!) evidente - ao marido que do fato de Carlos Maria, um jovem enfatuado, não ter persistido em conquistá-la. Frívola coquete, ambiciosa, com passageiros rebates de consciência, o seu egoísmo traduz-se na falta de interesse pelo fiel Rubião enlouquecido - em contraste com o desvelo da bondosa Dona Fernanda. Não deixa de ser uma adúltera mental, mas (exce tuada a inclinação por Carlos Maria) refreia, em devido tempo, os ímpetos da imaginação insatisfeita, para a qual o

*próprio Rubião serve de pretexto. Figura viva, e por isso complexa e fluida*⁹².

Não é que não tenha aceitação; ela é bem grande da parte do público letrado e erudito e/ou universitário. Não tem penetração. É um sucesso de estima junto de um público restrito. Faz-me pensar na fortuna crítica dos filmes de Manuel de Oliveira e nos poucos espectadores que os conhecem e apreciam.

2.7. TESES

Consultando os dois últimos volumes do repertório de dissertações de doutoramento na Universidade de Coimbra, o primeiro abrangendo os anos de 1940 a 1984 e o segundo indo deste ano até 1988, com grande estupefação minha, neles não encontrei um só título respeitante a Machado de Assis⁹³.

Examinando a lista das teses de licenciatura da Faculdade de Letras, da mesma universidade, encontrei registradas apenas 21 teses sobre Literatura Brasileira, elaboradas num período relativamente curto de 9 anos entre 1963 e 1975. Antes e depois sobre literatura brasileira nada mais consta nesse repertório. A mais antiga é sobre Lins do Rego (1963) e a última sobre Octavio de Faria. 1964 e 1968 foram anos brancos. Em 1967 foram apresentadas 8 teses, o maior número, imediatamente seguido de 1970, ano em que se defenderam 6. Em todos os outros anos deste curto período só foi preparada uma tese por ano, à excepção de 1966, com duas. Nos anos de maior produção - 1967 e 1970 -, Machado de Assis aparece então no rol uma vez em cada ano. Quer dizer, portanto, que só foram defendidas em Coimbra duas teses de licenciatura sobre Machado de Assis. Nessa situação se encontra José de

Alencar (1966 e 1967). A Manuel Bandeira foram consagradas duas teses no mesmo ano, em 1967⁹⁴.

8. NAS EDIÇÕES PORTUGUESAS

Em janeiro de 1959, no ano a seguir do centenário da morte do grande escritor brasileiro, a nova série de *Livros de Portugal - Novidades - Ecos - Bibliografia*, boletim mensal do Grêmio Nacional Dos Editores e Livreiros, abriu com retrato de Machado de Assis na capa. No reverso da capa deste primeiro número a legenda da gravura identifica o retrato, assinalando que o cinquentenário da sua morte tinha sido recentemente comemorado no Brasil e Portugal. No interior da revista na seção "Ecos" estas celebrações são objeto de uma pequena coluna. Referindo o muito que se fez no Brasil e o pouco ou nada que se realizou em Portugal, aí se escreve:

No último Outono comemorou-se, em Portugal e no Brasil, o cinquentenário de Machado de Assis. Entre nós recordou-o a Imprensa Academia, mas no Brasil as homenagens ao grande escritor, sem dúvida um dos maiores vultos literários de todos os tempos, assumiram um carácter verdadeiramente nacional, a ela se associando o Governo, o Parlamento, a Imprensa, as Academias. Foi uma verdadeira mobilização intelectual em honra do autor de Dom Casmurro
32

(Livros de Portugal. Novidades - Ecos - Bibliografia, n. 1, Janeiro de 1959, Lisboa, p. 11)

Repara-se na conjunção opositiva

Evocando as novas edições que se fizeram no Brasil de Machado de Assis e dando notícia também dos estudos acabados de publicar, o Boletim Mensal Dos Editores e Livreiros Portugueses refere os livros fontes para o estudo de Machado

de Assis, pelo professor José Galante de Souza; Machado de Assis funcionário público, de R. Magalhães Júnior, mais quatro livros, respectivamente, de Augusto Meyer, Eugenio Gomes, Astrogildo Pereira e Dirce Cortes Riedel; e por último uma obra de Agripino Grieco que há quem considere a "Homenagem máxima prestada ao maior de todos os escritores do Brasil".

(Op.cit.,p.11)

Concluindo a breve nota *Livros de Portugal* só acrescenta esta pequena frase respeitante à atividade editorial que o cinquentenário provocou em Portugal:

Em Portugal, também a Bertrand fez nova edição de seus livros. (Op. cit., p.11)

É tudo o que o *Boletim Do Grêmio Dos Editores e Livreros Portugueses* registra neste seu primeiro número da nova série, no que diz respeito ao impacto editorial do cinquentenário da Morte de Machado em Portugal. Não há aqui nem em todas as outras seções da revista mais nenhuma menção aos títulos reeditados. Repare-se que nenhum estudo de autoria portuguesa é assinalado, por não ter havido nenhum e nota-se também que a maioria dos editores lusos foi, segundo esta nota, indiferente à efeméride.

Sintomaticamente, nas três páginas precedentes, está retranscrito um artigo do *Diário de Notícias* de 5-XI-1958 - intitulado "As alfândegas do livro ", no qual é questão do agravamento da taxa cambial para importação de livros, de 55%, encarecendo a importação de livros no Brasil de cerca de 40%. Isto não justifica o desinteresse ou pouco ativismo na divulgação de Machado de Assis em Portugal, mas com políticas destas não se ajuda muito os cruzados sinceros da aliança cultural Luso-Brasileira .

Muito haveria que dizer sobre este artigo e sobre esta questão mas tenho que tentar traçar um panorama rápido da pobreza editorial das obras de Machado de Assis em Portugal.

A Porbase da Biblioteca Nacional de Lisboa revelou-se de consulta demoradíssima e pouco segura. Como não me foi possível efetuar uma via-sacra das bibliotecas portuguesas, consolei-me com a certeza das incertezas que lá encontraria e vasculhei as bibliotecas de Coimbra, a Central de Faculdades de Letras e as dos Institutos, além, evidentemente da Geral.

As edições portuguesas de obras de Machado de Assis são muito pouco numerosas, parcelares e muito espaçadas. E não se pense que essas lacunas editoriais são compensadas pela circulação dos livros brasileiros. Um exemplo, em forma de sondagem: consultando os últimos dados da *Bibliografia Portuguesa*, estabelecida a partir do depósito legal, para o período que vai de 1889 ao primeiro trimestre de 1993, só aparecem repertoriadas duas obras de Machado de Assis. Em 1989 e 1990 e no primeiro trimestre de 1993 não foi editado nenhum livro do escritor brasileiro. Em 1981, as edições Europa-América fizeram uma segunda de *Helena*⁹⁶, na sua coleção de livros de bolso o que teoricamente lhe deve assegurar uma maior circulação que numa edição normal. A passagem recente na televisão da telenovela brasileira com a adaptação do romance de Machado não se deve ser estranha a esta reedição de *Helena*. Na contracapa Machado de Assis é apresentado como *o Mestre incontestado do conto e do romance* e é especificado que ele *é por muitos considerado como o maior nome da literatura brasileira*. O editor assinala também que *o seu estilo pessoalíssimo (...) faz dele um dos mais perfeitos prosadores da língua portuguesa e que Machado de Assis foi um dos primeiros escritores do mundo a analisar e denunciar a falácia da civilização individualista burguesa*. Destacando algumas obras do espólio literário do escritor brasileiro

estranhamente, talvez por razões de concorrência para não fazer publicidade aos outros editores não é referido *Dom Casmurro*, enquanto se assinala *Ressurreição, A Mão e a Luva, as Memórias, Quincas Borba, Esaú e Jacob* e o *Memorial de Aires*, que eu saiba não fazem parte do repertório da editora. No pequeno resumo da intriga do romance, e posto em evidência o *Drama de uma adivinhada afeição supostamente incestuosa por aquele que, afinal, não era seu irmão*.

Talvez seja este lado melodramático muito ao gosto do espírito das telenovelas que levaram outros dois editores a lançar no mercado duas edições de *Helena*. Com efeito, o Círculo de Leitores⁹⁷ também publicou fraco romance em 1979 e a Discolivro⁹⁸ fez o mesmo, em 1983, na sua coleção "Romances de Todo Mundo". Serão as intenções puramente comerciais ou terá havido vontade de levar a Machado um público imenso preparado para preparar as suas obras primas?

Em 1992, o editor lisboeta Hiena publicou *O Alienista*, com uma introdução de Abel Barros Baptista⁹⁹. A editorial Inquérito já tinha publicado *O Alienista*, mas em 1914¹⁰⁰, dois anos depois de dado a público a *História Breve da Literatura Brasileira* de José Osório de Oliveira.

Encontrei só três edições portuguesas de *Dom Casmurro*

Duas saídas no mesmo ano, em 1984, uma publicada pela editora portuense Lello & Irmão, na sua "Biblioteca de Iniciação Literária"¹⁰¹, e a outra pela editorial alfacinha Inquérito¹⁰². A terceira é também uma edição lisboeta, publicada pela Bertrand¹⁰³.

As *Memórias Póstumas de Brás Cubas* mereceram a atenção de Bertrand¹⁰⁴ lisboeta, da Lello¹⁰⁵ portuense, em 1985, que publicou na sua Biblioteca de Iniciação Literária e dois anos mais tarde, em 1987, portanto, da Dina Livro¹⁰⁶ lisboeta que as editaram na sua coleção "Autores Brasileiros".

De *Quincas Borba* tenho notícias de duas edições, uma provavelmente de 1967, da Bertrand¹⁰⁷, na coleção "Obras-Primas da Língua Portuguesa" e outra da Lello¹⁰⁸, de 1981, na coleção "Biblioteca de Iniciação Literária". A primeira é acompanhada por um dossier completo, ilustrado com oito gravuras, preparado pelo brasileiro Thiers Martins Moreira, composto pelas seguintes seções: Introdução, Cronologia de fatos mais notáveis (de 1839 a 1908), Principais Edições de *Quincas Borba*, Opera Omnia e Obras sobre Machado de Assis. Dossier de vinte e sete páginas fazendo figura de caso raro na edição portuguesa de obras de Machado de Assis.

O *Memorial de Aires* foi contemplado com uma edição de grande divulgação, pois foi publicado pela Verbo¹⁰⁹ lisboeta, na sua coleção Livros RTP/Biblioteca Básica Verbo. Na contracapa o autor é apresentado como *um dos grandes prosadores da língua portuguesa* e o editor explica implicitamente a seleção desse romance afirmando espantosamente que dos nove romances que escreveu, *Memorial de Aires*, datado de 1908, é por certo o mais pessoal e mais alto, pelo tom simultaneamente sarcástico e de sutil humorismo que nele se alia à perfeição de estilo. Desconfio que a razão da escolha seja bem outra. Talvez pelo fato de ser muito questão de Lisboa no romance, de ter em exergue uma cantiga de Joham Zorro e outra d'el-rei Dom Diniz. No dorso da primeira página de título também é exaltada a sua arte do conto:

A sua produção de contista - em que foi pioneiro no Brasil e em que permanece como um dos expoentes da literatura universal - é extensa e variada, revelando um extraordinário dom de oralidade: o conto de Machado de Assis não descreve, fala.

Lá se foi também publicado uma outra coletânea de contos machadianos, tarefa talvez mais fácil do ponto de vista de penetração do público leitor português, mas nem esta

explicação é certa, nem os cálculos revelaram-se exatos e produziram os efeitos desejados.

Já falei da antologia de Contos de Machado de Assis, publicada pelo editor lisboeta Livros do Brasil, em 1948, escolhidos por José Osório de Oliveira e citei a Advertência dos Editores lamentando não publicar os romances machadianos, sendo obrigados a contentar-se com as coletâneas de contos¹¹⁰. Referi também a estratégia do organizador da antologia, que desejava com ela conquistar novos leitores para os romances de Machado de Assis¹¹¹.

Em 1963, o português radicado no Brasil, João Alves das Neves, preparou para a editora Arcádia de Lisboa uma antologia, de 18 contos retirados de cinco livros intitulado *Os Melhores Contos de Machado de Assis*¹¹², da qual fazem parte os inevitáveis *O Alienista* e *Missa do Galo*, antologia esta que fez preceder por uma "Apresentação de Machado de Assis" de 17 páginas. A metade da apresentação é consagrada à difusão e comentário de *informações dispersas acerca de Machado de Assis e Portugal, entre as quais se revestem de especial interesse*, especifica Alves das Neves, *a suas aproximações com Eça de Queirós*¹¹³. Comentando Afrânio Coutinho, diz não querer entrar no debate *ocioso* de saber se Machado é o *primeiro prosador da língua*, como pretende este crítico brasileiro, ou *apenas um dos primeiros*, Alves das Neves afirma que o autor de *Dom Casmurro* ocupa, por mérito próprio, lugar decisivo nas literaturas de expressão portuguesa, seja qual for a margem atlântica em que nos situemos, figurando sem favor ao lado de Camilo Castelo Branco ou de Eça de Queirós¹¹⁴.

Alves das Neves, na senda do mesmo crítico, Afrânio Coutinho, citando-o longamente, discute a brasilidade de Machado de Assis para assinalar também a sua universalidade, acabando com esta citação:

*Ele triunfa porque é brasileiro quando logra encher suas páginas de elemento carioca, tornando-se mais universal, como todos os gênios, um Cervantes, um Shakespeare, que quanto mais nacionais mais universais*¹¹⁵.

Alves das Neves refere ainda a *principal característica de escritor da cidade*¹¹⁶ apontada por Mario Matos e lembra também, citando-o, a técnica *em mosaico*¹¹⁷ dos romances da maturidade assinalada por Josué Montello.

Depois de ter feito a apresentação do *excepcional contista que foi o autor de "O Alienista"*¹¹⁸, Alves das Neves consagra outra parte da sua apresentação às "Origens de Machado" e a última e mais volumosa a *Eça e Machado*". Depois de citar várias vezes João Gaspar Simões, o antologista retranscreve integralmente a carta de Eça para Machado, que na altura não se encontrava reproduzida em nenhum volume de correspondência do escritor português.

Em 1967, o professor brasileiro exercendo na Universidade de Coimbra, Temístocles Linhares, seleccionou e redigiu a Introdução e Nota Biográfica da antologia *Contos Escolhidos*¹¹⁹, de Machado de Assis, que a Livraria Civilização, do Porto, pôs à disposição dos leitores portugueses. Temístocles Linhares inicia a sua Introdução assinalando que não era a primeira vez que se publica em Portugal uma antologia de contos machadianos e exemplificando porque oferecia mais uma. Para ele a inclusão do escritor brasileiro na Coleção Civilização, *ao alcance de todos os bolsos e*, acrescenta ele, *diríamos até popular* se justificava por essas mesmas razões e por ser Machado de Assis um homem do povo¹²⁰. O antologista apresenta Machado de Assis como um *grande escritor, um dos maiores da língua, em todos os tempos* e define-o também como *um perscrutador do coração humano*¹²¹. Depois de destrinçar o Machadinho do Machadão, sem esquecer o "seu" Machado da fase de transição, salienta que os contos

da sua antologia são todos da última fase, *testemunho dos mais impressionantes da sua própria singularidade, verdadeiramente única, do homem moderno*¹²². Generosa e ingenuamente, Temístocles Linhares salienta ainda que a vida Machado de Assis é *uma lição para o homem do povo, para o operário, o trabalhador em geral*¹²³, esquecendo talvez que estes não podem ler o grande escritor que do seu meio saiu.

Temístocles Linhares não deixa de por em relevo o brasileiro de Machado que não levanta obstáculos à sua universalidade e defende mesmo a tese de que ele teria sido *antecipador da postura surrealista*¹²⁴. Tendo explicado que não incluiu "O Alienista" por lhe parecer por demais conhecido, o professor brasileiro muito honestamente não omite de referir as fraquezas que encontra em alguns contos de Machado, que *ficou às vezes dentro do episódico ou que fez concessões à frivolidade*, pelo motivo da sua maior audiência ter sido feminina, explica Temístocles Linhares, prejudicando, pelo menos em certa fase, além de achar que Machado comprazia-se muitas vezes no aparato das teorias filosóficas e sobretudo pseudofilosóficas¹²⁵. No final de sua Introdução, sem deixar de lembrar que Machado de Assis é hoje *unanimemente reconhecido como modelo do gênero na arte do conto*, Temístocles Linhares levantara pouco antes outra grande reserva ao escrever:

*Talvez a maior acusação a fazer seja mesmo a de existir em alguns contos, altamente qualificados, mas a prejudicá-los de algum modo, certo excesso de imaginação intelectual, caracterizado não só por digressões e alusões literárias, como quer Eugenio Gomes, mas também por pendores filosóficos, em que a piedade aparece unida à lucidez e a ternura à inteligência*¹²⁶.

Temístocles Linhares fala de um escritor de carne e osso que por muito admirar não se sente obrigado a divinizá-lo, a

mitificá-lo e a esconder-lhe o que tem por seus pecados. A apresentação que faz de Machado de Assis mostra-lhes a luz e as sombras. O antologista nos seus comentários chama a atenção para os trabalhos de Lúcia Miguel Pereira, Astrogildo Pereira e Eugenio Gomes, lembrando que este último achava que o *subjetivismo criador de Machado* o colocava na linha superior e transcendental da arte de um Tchekov ou de um Henry James¹²⁷.

Em 1985, saiu a última coletânea de contos que tenho notícia, publicada pelo Lello, na sua Biblioteca de Iniciação Literária¹²⁸.

Não quero deixar no silêncio uma curiosidade significativa, simbólica e engraçada, *You love, and love alone*, texto saído em Macau, uma publicação do *Boletim do Instituto de Luís de Camões*, em 1972, de Edgar C. Knowlton Júnior, e que é uma tradução da peça de Machado *Tu só, tu puro amor*¹²⁹.

CONCLUSÃO

Tenho a impressão que ouvi falar muito mais de Machado de Assis em Paris do que em Lisboa.

Se não estou em erro, julgo que uma das razões desta situação se deve ao fato de não haver uma licenciatura em estudos brasileiros, de as poucas cadeiras propostas nas universidades portuguesas serem quase todas, se não todas simples opções. Onde em Portugal, estão os centros de estudos machadianos ou os Congressos especializados, como há no Brasil e noutros países não lusofónos os Centros de Estudos ou Congressos Camonianos, Pessoaanos, ou sobre outros autores portugueses? Onde está a rica e vasta bibliografia sobre a literatura brasileira, como existe uma no Brasil sobre a literatura portuguesa?

Segundo a opinião de alguns docentes universitários ligados aos estudos brasileiros, o pouco interesse, ou em todo o caso, a pouca ou nenhuma ajuda da parte das entidades brasileiras também contribui fortemente para a situação lamentável da péssima difusão de uma boa parte da literatura brasileira, e, particularmente, das esplêndidas criações machadianas.

Rua em Coimbra, como há uma Avenida do Brasil, porque era preciso ilustrar as teóricas relações fraternais luso-brasileiras, haverá outras ruas ou avenidas com o seu nome noutras cidades. É provável, mas não creio que sejam muito numerosas ou tantas quantas assim poderiam estar batizadas.

Haverá alguma estátua em Portugal? Terá sido realizada alguma exposição bibliográfica sobre a obra de Machado de Assis? Não o creio e todavia não teria sido nenhuma extravagância nem luxo nenhum.

Muito está por fazer, quase tudo mesmo. A falta de estudos globais torna impossível ir mais longe. O fato de eu só referir estes poucos exemplos que apresentei não significa que nada mais haverá sobre Machado em Portugal. O trabalho continua por fazer. Mas é sintomático que os estudiosos de Machado não refiram muitas mais referências.

Machado de Assis é pouco familiar aos portugueses.

NOTAS

Por motivo de falhas nos originais vindos de Portugal, não foi possível reproduzir na íntegra as notas de Pedro Calheiros.

- (1) Ver verbete n. 419 de *Fontes para o estudo de Machado de Assis*, de J. Galante de Sousa, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1958, p.81. (Col. BI - Bibliografia XI).

- (2) Ver verbete n. 53 de *Fontes para o estudo de Machado de Assis*, de J. Galante de Sousa, R.J., I.N.L., 1958, p.14 (Col. BI - Bibliografia XI).
- (3) Ver verbete n. 53 de *Fontes para o estudo de Machado de Assis*, de J. Galante de Sousa, R.J., I.N.L., 1958, p.18.
- (4) Antonio Feliciano de Castilho, *Theatro de Goethe, Tentativa Única*. Fausto, Poema Dramático Tradlado a Portuguez, Porto, Viuva Moré, 1872, p.XIV.
- (5) Sousa Bastos, *Carteira do Artista - Apontamentos para a história do teatro português e brasileiro*, Lisboa, Antiga Casa Bertrand - Sousa Bastos, 1898, p.233.
- (6) Ver verbete n. 182 e 283 de *Fontes para o estudo de Machado de Assis*.
- (7) Emilio Faguet, *Iniciação Literária*, tradução ampliada na parte relativa à literatura portuguesa e brasileira por Chagas Franco, 4. edição, Lisboa, Guimarães & Comp., 1935, p. 156.
- (8) Pierre Hourcade, "Trois livres sur Machado de Assis", in *Op. Cit.* Nouvelle série, tomo IV, 1937, fasc. 22, Coimbra Editora Ltda.
- (9) Lúcia Miguel Pereira, "Machado de Assis e Eça de Queirós", in *Revista de Portugal*, n. 5, Coimbra, 1939, p. 477 e 474.
- (10) *Id., ibid., p. 474.*
- (11) *Id., ibid., p. 474.*
- (12) *Id., ibid., p. 475.*
- (13) *Id., ibid., p. 476.*
- (14) *Id., ibid., p. 474.*
- (15) Hermes Lima, "Centenário de Machado de Assis. Raízes e idéias da sua obra", in *Seara Nova*, vol. XXXI, 1939, p.123.

- (16) Eduardo Frieiro, " Centenário de Machado de Assis. Dom Casmurro, ateu radical", in *Seara Nova*, ano XVIII, n. 627, de 19 de Agosto de 1939, p. 166. Este texto foi igualmente publicado mais tarde no seu livro *Páginas de Crítica (1938-1944) e Outros Escritos*, Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1955, p. 250-256, cap. XXVIII, com o título "Dom Hugo Bressane de Araújo : O aspecto religioso de Machado de Assis. O "racionalismo naturista" de Quincas Borba e o seu "humanitismo". Indevoto, mas não anticlerical.
- (17) *Id., ibid., p.165.*
- (18) *Id., ibid., p. 165.*
- (19) *Id., ibid., p. 165.*
- (20) Júlio Dantas, *Machado de Assis*, separata das Memórias da Academia das Ciências (Classe de Letras - Tomo III), Lisboa, 1940.
- (21) José Osório de Oliveira, " Brasileirismo de Machado de Assis, in *Brasília*, Vol. I, 1942. 137-143 e *id., Enquanto é possível*, Lisboa, Universo, 1942, p. 151-162; sobre a réplica que Cassiano Ricardo lhe deu, ver verbete n. 1370 de *Fontes para o estudo de Machado de Assis*, p. 219.
- (22) José Pereira Tavares, "Alguns Aspectos da Língua de Machado de Assis", in *Brasília*, Coimbra, 1942, p. 39-45.
- (23) Cruz Malpique, "Para um possível perfil de Machado de Assis", in *Brasília*, Coimbra, 1946, vol. III, p. 83-107.
- (24) Gladstone Chaves de Melo, "Machado de Assis, Defensor do Homem", in *Brasília*, vol. XII, Coimbra , 1965, p. 189-216. e *Id., ibid., in Euclidiano, ano III, n.4*, São José do Rio Pardo, São Paulo), Novembro de 1958, p. 9-24. O autor confessa que o seu artigo não é original, no próprio texto coimbrão e em nota de rodapé (p.194), pois já tinha sido *objeto de uma*

- conferência não escrita, gravada e publicada, segundo o apanhamento taquigráfico que o diretor da revista mandara fazer.*
- (25) *Op. cit.*, p. 195. Em nota de rodapé Gladstone de Melo especifica que se está referindo ao livro *Machado de Assis - O homem e a obra*, dado à estampa em 1939 por Mário Matos.
- (26) *Id., ibid.*, p. 191.
- (27) *Id., ibid.*, p. 208.
- (28) *Id., ibid.*, p.208.
- (29) *Id., ibid.*, p.210
- (30) *Id., ibid.*, p.216
- (31) *Id., ibid.*, p.215
- (32) *Id., ibid.*, p.214
- (33) *Id., ibid.*, p. 214.
- (34) Guilhermino César, Alberto Machado da Rosa, "*Eça, discípulo de Machado ? (Formação de Eça de Queirós : 1875-1880)*", in *Brasília*, vol. XII, Coimbra, 1965, p. 312-315.
Devo ainda assinalar um outro texto publicado em Coimbra pelo mineiro Guilhermino César intitulado "Dona Fernanda, a gaúcha do *Quincas Borba*", Coimbra Editora, separata de *O Instituto*, vol.12
- (35) José Aderaldo Castelo, "Interpretações da Obra de Machado de Assis", in *Ocidente*, Vol. LXI, Lisboa, Julho a Dezembro de 1961, p. 3-16
- (36) Renato Sampaio, "Estilo de Machado de Assis", in *Ocidente*, vol.LXVII, n.315-320 - Julho a Dezembro de 1964, p. 226-223
- (37) *Id., ibid.*, p. 226.

- (38) Cruz Malpique, "Machado de Assis", in *Labor-Revista do Ensino Liceal*, terceira série, Aveiro, vol. 34 (277), Outubro de 1969, p. 3-11, vol. 34(278), Novembro de 1969, p. 51-71 e vol. 34 (279) , Dezembro de 1969, p. 116- 129.
- (39) Terezinka Pereira, "Uma Interpretação de *Dom Casmurro*", in *Brotéria*, Lisboa, vol. 101 (10-11-12), 1975, p. 379-381.
- (40) L.C. Ishimatu, (a função da mímica em 3 contos de machado de Assis), in *Brotéria*, Lisboa, vol. 119 (1), 1984, p. 65-76.
- (41) José S. Teixeira, "Dois aspectos da semi-ótica das *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, in *Brotéria*, Lisboa, vol. 119 (4), 1984, p. 298-318.
- (42) Wilson Martins, "Direito e Acesso de *Dom casmurro*" in *Colóquio*, n. 60, Outubro de 1979, Lisboa, p. 57-59.
- (43) Jorge de Sena, "Algumas palavras sobre o realismo, em especial o português e o brasileiro", in *Colóquio Letras*, n.31, Maio de 1976, Lisboa, .7.
- (44) *Id.*, *ibid.*, p.09.
- (45) *Id.*, *ibid.*, p.11.
- (46) *Id.*, *ibid.*, p.12.
- (47) Lidia Neghame Echeverría, "Uma imagem quitoxésca em Machado de Assis", in *Colóquio Letras*, n.31, Maio de 1976, Lisboa, p.41-48.
- (48) Bella Josef, Amariles Guimarães Hill, *A crise da diferença*, in *Colóquio Letras*, n. 42, Março de 1978, Lisboa, p.97-98.
- (49) *Id.*, *ibid.*, p.98.
- (50) Helder Macedo " Machado de Assis: entre o lusco e o fusco", in *Colóquio Letras*, n.121-122, Julho - Dezembro de 1991, Lisboa, p. 23.

- (51) *Id., ibid., p.10.*
- (52) *Id., ibid., p.11.*
- (53) *Id., ibid., p. 14.*
- (54) *Id., ibid., p. 24.*
- (55) J-M. Massa, "Un ami portugais de Machado de Assis: Antonio Moutinho de Souza", in *Revista da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa*, 3a. série, nº 13, 1974, p. 241-254.
- (56) Ennio Morgan Birchal, "A ironia e o humor em Eça de Queirós, Machado de Assis e Joaquim Paços de Arcos", in *Bracara Augusta*, vol. 30 (69), Braga, 1976, p. 257-287.
- (57) Howens Post, "O escritor brasileiro Machado de Assis, existencialista 'Avant la lettre' (1839-1908)", in *Boletim Cultural/Assembléia Distrital de Lisboa*, 3a. série, 83, 1977, p. 29-41.
- (58) Abel Barros Baptista, *Em nome do apelo do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*, Lisboa, Litoral, 1991, 283 p. (Col. Estudo, nº 9).
- (59) Machado de Assis, *Machado de Assis*, Lisboa, Verbo, 1972, 135 p. (Col. *Gigantes da Literatura Universal*, nº 26) reeditado em 1983.
- (60) Luís Viana Filho, *A vida de Machado de Assis*, Porto, Lello, 1984, 273 p. (Col. Figuras do passado).
- (61) Duarte de Montalegre, *Ensaio Sobre o Parnasianismo Brasileiro*, seguido de uma breve Antologia, Coimbra, Coimbra Editora, 1945.
- (62) Wolfgang Kayser, *Fundamentos de Interpretação e de Análise Literária*, vol. I, Coimbra, Armenio Amado Editor, 1948, p.301-307.

- (63) Jorge de Sean, "Machado de Assis e o Seu Quinteto Carioca", in *Estudos de Cultura e de Literatura Brasileira*, Lisboa, Edições 70.
- (64) "Troco Eça de Queirós por Machado de Assis - Entrevista com o escritor português José Osório de Oliveira - 30 anos dedicados à divulgação da literatura brasileira", *Jornal de Letras*, Rio de Janeiro, Abril de 1952, nº 34, p.16.
- (65) José Osório de Oliveira, *História Breve da Literatura Brasileira*, Lisboa, editorial
- (66) nota irrecuperável no original
- (67) nota irrecuperável no original
- (68) nota irrecuperável no original
- (69) 8.Op. Cit., p. (?) 7.
- (70) Machado de Assis, *Contos*, seleção de José O. de Oliveira, Lisboa, Dois Mundos
- (71) Idem
- (72) Idem.
- (73) Idem.
- (74) Idem.
- (75) Idem.
- (76) nota irrecuperável no original
- (77) Op. cit., p. 09.
- (78) José O. de Oliveira, Artigo Machado de Assis do *Dicionário de Literatura*, sob a direção de Jacinto do Prado Coelho, 3.a ed., vol.1, Porto, Figueirinhas, 1983,
- (79) Vol.1, Porto, Figueirinhas, 1983, p.2-73.

- (80) Figueirinhas, 1983, p. 2-73.
- (81) João Gaspar Simões, op. cit., nº 37, p.1-3 e id., op.cit., Lisboa livraria Popular de Francisco Franco, s.d., p.115-119.
- (82) Letras e Artes, Suplemento de *A Manhã*, Rio de Janeiro, nº173, de 06 de Agosto de 1950. Ver verbete nº 1634 de Fontes para o Estudo de Machado de Assis. João Gaspar Simoes, Liberdade de Espirito, Lisboa, Portugália, s.d., p. 203-213 e 337-348.
- (83) nota irrecuperável no original
- (107) Machado de Assis, *Quincas Borba*, texto conforme a última edição em vida do autor. Introdução, notas, cronologia e bibliografia de Thiers Martins Moreira, Lisboa, Bertrand, 1967, (Col. "Obras-Primas da Língua Portuguesa").
- (108) Machado de Assis, *Quincas Borba*, Porto, Lello & Irmão, imp. 1984, 298 p. (Col. Biblioteca de Oniciação Literária, nº 53).
- (109) Machado de Assis, *Memorial de Aires*, Lisboa, Editorial Verbo, s.d. 1970, 190 p. (Col. Livros RTP|Biblioteca Básica Verbo, nº 7).
- (110) Ver nota 79 e o texto a que ela se refere.
- (111) Ver nota 80 e o texto a que ela se refere.
- (112) Machado de Assis, *Os Melhores Contos*, Seleção e apresentação de João Alves das Neves, Lisboa, s.d. imp. 1963, 314 p. (Col. Antologias, nº 16).
- (113) Op. Cit., p. 9 (não numerada).
- (114) Op. Cit., p. 10 (não numerada).
- (115) Op. Cit., p. 10-11 (não numeradas).
- (116) Op. Cit., p. 11 (não numerada).

- (117) Op. Cit., p. 12 (não numerada).
- (118) Op. Cit., p. 13 (não numerada).
- (119) Machado de Assis, *Contos Escolhidos*, Seleção, Introdução e Nota Biográfica de Temístocles Linhares, Porto, Livraria Civilização, 1967, 285 p.
- (120) Op. Cit., p. 5-7.
- (121) Op. Cit., p. 6.
- (122) Op. Cit., p. 9.
- (123) Op. Cit., p. 10.
- (124) Op. Cit., p. 13.
- (125) Op. Cit., p. 13.
- (126) Op. Cit., p. 15.
- (127) Op. Cit., p. 15.
- (128) Machado de Assis, *Contos*, Porto, Lello e Irmão, s.d. imp. 1985, 178 p. (Biblioteca de iniciação literária).
- (129) Machado de Assis, *You Love, and love alone*, Tradução de Edgar C. Knowlton Júnior, Macau, Imprensa Nacional, 1972, 37 p., separata do boletim do Instituto Luís de Camões, vol. VI, nº 3 e 4.